

ENTREVISTA/José Sarney

# Só eu tenho votos para barrar Lula

José Negreiros

O ex-presidente José Sarney tem duas apostas políticas: 1. apesar da posição consolidada de Lula, o atual quadro sucessório não está definido; 2. ele é o único político que pode derrotar Lula na corrida pelo Palácio do Planalto. Embora com frases moderadas, como é de seu estilo, Sarney antecipa em entrevista exclusiva ao *Correio Braziliense* que, ao contrário do que se pode imaginar após sua retirada das prévias do PMDB, mais do que nunca ele permanece no páreo.

Se o Supremo Tribunal Federal (STF) autorizar novos prazos de filiação partidária esta semana, Sarney poderá se lançar candidato por um pequeno partido com o apoio do PFL e de setores do PMDB.

*Correio Braziliense* — Qual será o seu destino agora: candidato de uma coligação de partidos nacionais ou vice de Fernando Henrique?

José Sarney — Todas essas hipóteses são inviáveis. A legislação não permite que eu saia do PMDB e nem há indicação de que possa participar de uma chapa de vice. Estou nesta luta para colocar meu nome como capaz de unir o partido e levá-lo à vitória, além de ajudar a democracia, porque considero meu nome um fator estabilizador do processo sucessório.

*Correio* — Mas um político experiente como o sr. não pode ter cometido um gesto político inútil ao abandonar as prévias do PMDB?

Sarney — Saí das prévias mas não saí da sucessão. Como ex-presidente da República com 30 anos de atividade política meu dever é participar do processo. Eu estou legitimado por pesquisas que me colocam em segundo lugar na disputa mas meu partido escolhe um outro candidato que



Sarney, após desistir das prévias do PMDB, admite usar micropartidos para se lançar à Presidência

não é aquele que o povo deseja. Nem por isso eu devo abandonar as camadas da população que me indicam.

*Correio* — Duas outras alternativas: candidato do PMDB na convenção ou eleitor privilegiado?

Sarney — Não posso excluir a possibilidade de ser candidato do PMDB. Isso demandará uma situação política nova, com reexame do problema legal e de o PMDB não ter candidato com viabilidade eleitoral. Porque duas coisas estão nítidas: minha situação junto à opinião pública e a posição pró-Quêrcia do PMDB.

*Correio* — O Supremo já autorizou os pequenos partidos lançarem candidatos. Se autorizar a reabertura dos prazos de filiação, o sr. se lança por um deles?

Sarney — Tenho que examinar isso do ponto de vista político, pois precisaria contar com um expressivo leque de apoio partidário para que minha candidatura fosse viável. Caso contrário, seria mero cumprimento de desejo pessoal.

*Correio* — Todos dizem que o sr. aposta numa decisão do Supremo reabrindo o prazo de filiação?

Sarney — Quando entrei nas prévias sequer sabia dessa consulta feita pelo PSC. Além disso, todos sabemos da independência do Supremo ao julgar. Nenhum projeto político pode se basear

numa possível decisão do Supremo.

*Correio* — Se ela se confirmar, o Sr. não acha que é casuismo?

Sarney — Os partidos políticos, através de seus representantes no Congresso, fizeram uma lei que restringiu a quatro partidos a participação na sucessão. Só que isso em vez de estabilizar, desintegrou o processo sucessório. Deu a esses partidos um poder que eles passaram a exercer não por racionalidade, ao escolher candidatos de maior viabilidade, mas em virtude de acharem que a camisa de força da lei seria capaz de comandar o processo político. Ninguém limita o número de partidos por lei.

A disciplina partidária se exerce voluntariamente.

*Correio* — Quer dizer: quem, como o sr., tem condições de competir, segundo as pesquisas, não tem espaço...

Sarney — É isso que está acontecendo. Não é lógico, no caso do meu partido, escolher o candidato em último lugar. Mas a legislação determina que os partidos imponham a sua vontade. Isso só não ocorreu com o PT porque o Lula é o próprio PT.

*Correio* — Tanta expectativa pela decisão do STF não caracteriza uma tentativa da direita para impedir Lula de chegar ao poder?

Sarney — É simplista a análise limitada à direita-esquerda, primeiro-segundo turno. É interesse do próprio Lula que a disputa envolva o mais amplo leque de candidatos. Ninguém pode achar que é candidato único.

*Correio* — Mas com a pulverização Lula pode ganhar logo no primeiro turno...

Sarney — Já disse que não tenho lulafobia. Acho apenas que o processo tem que ser democrati-

zado porque ainda não está cristalizado.

*Correio* — O sr. é o anti-Lula?

Sarney — Não, até porque temos votos na mesma faixa da população. Por isso, não se pode achar que meu eleitorado é de direita ou de esquerda. E tem mais: não se pode fazer uma campanha dirigida contra alguém.

*Correio* — O sr. não acha que o fracasso do Cruzado e os 80% de inflação de seu último mês de governo são dois pontos negativos difíceis de superar?

Sarney — O Cruzado foi o plano que mais distribuiu a renda no Brasil. Mais de 50% da população acham que ele foi o melhor plano econômico já feito no País. Deu condições ao povo de exercer sua cidadania. Quanto à inflação de 80%, isso aconteceu mais pelas expectativas de confisco criadas em torno do governo Collor. Declarou-se o pânico na economia. A média de inflação do meu governo, de 16%, é inferior ao do governo Collor, de 18%.

*Correio* — Lula está eleito?

Sarney — Lula tem uma posição muito consolidada nas pesquisas mas só vencerose não tiver políticos para enfrentá-lo. De minha parte, eu me lancei na disputa porque, com o conhecimento que tenho do Governo Federal e com a visão estratégica que tenho do Brasil, acho que poderia prestar um grande serviço ao País. Ao consultar as pesquisas, vejo que o povo me dá, no momento, o segundo lugar. Segundo o Vox Populi, no segundo turno sou o nome mais próximo de Lula. Diante de todo esse quadro, minha análise é que, já que comande a transição do autoritarismo para a democracia teria plenas condições de comandar a transição da crise para o desenvolvimento econômico e reinsrer o Brasil na economia mundial.

“Os partidos políticos, através de seus representantes no Congresso, fizeram uma lei que restringiu a quatro partidos a participação na sucessão”.

